

Manchete, abril 67
M 785

DN 16.4.59
RN 376

Quinta-feira, 16 de Abril de 1959

UMA BRAGA

ENXOVAS

E COMO esse verão não acaba nunca mais nós nos aproximamos do mar, e vimos que no mar havia enxovas. Tomamos um barco e fomos apanhá-las de corrido e de puxa-puxa; elas vieram, boazinhas, uma após outra, até o sol cair.

E foi suave e bom estar no mar quando as luzes de Ipanema se acenderam e o beril das montanhas era grave e augusto contra o céu azul-escuro. Havia aves.

E então, na volta, a gente pensava esta coisa simples: não há nenhuma grande capital do mundo em que seja tão fácil a gente deixar o asfalto, o telefone, os avisos de banco e os falsos amôres e sair ao léu num barco pequeno para uma pescaria fácil. Por isto, Rio de Janeiro, muita coisa lhe será perdoadada pelos teus incolos. Porque tens o vento livre e limpo do mar.

E até, na tarde de ontem, no alto do céu azul-escuro — gentileza da Câmara Municipal ou do prefeito Alvim, obra da Sursan? — havia, sobre a terra e sobre o mar, a graça de uma lua crescente que nos abençoou a todos — humildes bichos ali no barco, a matar outros bichos humildes, segundo Deus é servido.